

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO VIA DE LIBERTAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO ACERVO DA LAJE.¹

Andreane Pereira MOREIRA²

Luciano SANTOS³

RESUMO: O presente artigo objetiva investigar a importância da educação libertadora em contextos marcados por vulnerabilidade e ausência do Estado, tendo como base a experiência do Acervo da Laje, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. Em diálogo com estudiosos da educação e do pensamento popular, inscritos no campo das epistemologias do Sul, discutimos o papel da cultura popular (sistematicamente relegada à posição periférica e subalterna), com seu inesgotável repertório de outros saberes, memórias e criações, como via de insurgência e libertação social, de maneira a possibilitar a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade. O foco principal desta pesquisa é investigar a efetividade educacional das ações culturais promovidas pelo Acervo da Laje, que se propõem a compartilhar conhecimentos e experiências junto aos moradores suburbanos, tendo como principal referência existencial a vida dentro do território, sem distinção de formação ideológica, acadêmica ou de qualquer ordem. A pesquisa que resultou neste trabalho é de cunho qualitativo, com abordagem teórico-metodológica fenomenológica, de caráter exploratório. A entrada no campo empírico se deu a partir de um trabalho solicitado numa disciplina como aluno especial, e a partir desse primeiro contato

¹ Esse artigo apresenta um recorte da minha dissertação de mestrado intitulada: A morada da beleza: Educação Popular, estética e libertação a partir do Acervo da Laje. (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2020.

² Universidade do Estado da Bahia (UNEB), SALVADOR- BA – Brasil. Assistente Social, mestre em educação e Contemporaneidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0873-4247>. andreamoreira@gmail.com

³ Pós-Doutor em Filosofia Moral e Política pela Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) do México. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: lucostasantos1@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3864-7590>

foi realizado o anteprojeto que consolidou minha entrada no programa de mestrado Educação e Contemporaneidade (UNEB).

PALAVRAS-CHAVE: educação popular; subúrbio ferroviário de Salvador; Acervo da Laje.

**POPULAR EDUCATION AS A PATH TO LIBERATION:
REFLECTIONS FROM ACERVO DA LAJE.**

ABSTRACT: *This article aims to investigate the importance of liberating education in contexts marked by vulnerability and absence of the State, based on the experience of the Acervo da Laje, located in the Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. In dialogue with scholars of education and popular thought, enrolled in the field of epistemologies of the South, we discuss the role of popular culture (systematically relegated to a peripheral and subordinate position), with its inexhaustible repertoire of other knowledge, memories and creations, as a way of insurgency and social liberation, in order to enable the formation of critical and participatory citizens in society. The main focus of this research is to investigate the educational effectiveness of the cultural actions promoted by Acervo da Laje, which aim to share knowledge and experiences with suburban residents, having life within the territory as the main existential reference, without distinction of ideological, academic formation or of any order. The research that resulted in this work is of a qualitative nature, with a phenomenological theoretical-methodological approach, of an exploratory nature. The entry into the empirical field was based on a work requested in a discipline as a special student, and, from this first contact, the preliminary project that was made consolidated my entry into the Master's program Education and Contemporaneity (UNEB).*

KEYWORDS: *popular education; railroad suburb of Salvador; Acervo da Laje.*

Introdução

A Educação Popular apresenta-se, na contemporaneidade, como uma metodologia necessária, com vistas a atuar prioritariamente como possibilidade de libertação e emancipação da pessoa, tendo como característica principal a valorização da cultura local através de seus agentes de produção, de forma a oportunizar a identificação desses sujeitos com determinados espaços geográficos, intensificando, efetivamente, a valorização de saberes locais.

Nesta vertente, a Educação Popular surge como um processo de retomada da consciência, possibilitando a luta pela cidadania e por direitos negados a grande parte da população, pois segundo Hobsbawm, (2002, p. 256) a “crescente divergência entre o mundo rico e o mundo pobre” que vai se evidenciando a partir da década de 60 do século XX com a retomada do liberalismo com ar de novo, neoliberalismo, não representa uma ação efetiva do Estado brasileiro na produção de políticas públicas, sobretudo educacionais. Destarte, essa falta de representatividade foi suprida pela instauração da Educação Popular, um movimento que aparece como mola propulsora para a luta e conquista de direitos, nos então chamados Movimentos de Base.

Renomados autores que discutem a educação popular, a exemplo de Paulo Freire (2005), apresentam-na como instrumento de transformação da realidade opressora a partir da concepção da educação como conscientização e dialogicidade, implicando em libertação política e, conseqüentemente, transformação social.

A proposta de Educação Popular desenvolvida pelo Acervo da Laje, através de seus fundadores, o professor José Eduardo Ferreira Santos e sua esposa Vilma Santos, aparece como possibilidade de tirar das malhas da invisibilização um território – e seu povo – que se constitui como berço fecundo da vida soteropolitana: o Subúrbio Ferroviário de Salvador na Bahia.

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em uma abordagem fenomenológica com “estudo de caso do tipo etnográfico”, ou seja, estudo em profundidade de um fenômeno educacional, com ênfase na sua singularidade e levando em conta os princípios e métodos da etnografia (ANDRÉ, 2013, p.18).

Isto posto, partiremos para a análise do Acervo da Laje enquanto espaço de construção de significados sócio-políticos a partir da região do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Procuraremos investigar a presença (ou ausência) de sentimentos de pertença e identificação da comunidade do entorno com as ações desenvolvidas no Acervo, investigando, também, se verifica (ou não) um sentido de libertação nos atos e relatos dos frequentadores do Acervo, a partir da valorização da beleza produzida e compartilhada naquele espaço.

1. Educação Popular: prática pedagógica

Na contemporaneidade, observamos um expressivo número de educadores, a exemplo de Paulo Freire (1987), Arroyo (2014), Istvan Mészáros (2008), Nascimento (1985), Edgar Morin (2016), Carlos Brandão (2000), entre outros, que se posicionam de modo a contribuir para a disseminação do saber, e a tecnologia em muito tem contribuído neste processo. Contudo, não se observa, na

prática, a materialização dessas ações. O que seria, de fato, o ideal de cultura e educação popular tão propagado?

De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003), a cultura, antes vista como conceito atribuído apenas à elite, assume, gradativamente, novas roupagens, passando a conceituar também o gosto das multidões; não pode mais ser caracterizada como algo estanque, “intelectual”, mas sim como um processo que assume papel constitutivo em toda uma sociedade, o que independe de classes sociais. Compreendemos que, a partir da cultura local, se faz necessário uma educação que privilegie o saber e as vivências dos sujeitos em determinados territórios.

A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 1987, p.32).

Para Freire, é preciso consolidar uma educação que possa “ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição” (FREIRE, 1987, p.59). Em “Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular” (2005), Freire propõe aclarar os meandros da educação popular: “Está aqui um ponto muito próprio à educação popular: o conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo” (FREIRE e NOGUEIRA, 2002, p.20).

Porque a palavra é um ato de poder, o que equivale afirmar que ela não é apenas um entre outros símbolos, mas o próprio exercício do poder. O direito de falar e de ser ouvido é privilégio do senhor. Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro. A diferença entre um e outros está em que o primeiro detém a posse do direito de pronunciar o sentido do mundo e, por isso, o direito de ditar a ordem do mundo social. Ele é quem transformou um dever coletivo e anterior de dizer, no poder de ditar e ser, assim, obedecido (BRANDÃO, 2000).

Milton Santos (2003) aborda a Educação Popular a partir da questão da territorialidade, considerada como lócus de emancipação política. Na medida em que sua produção não desaparece como modismo, ela se constitui de verdades que são a expressão da própria existência dos indivíduos enquanto produtores culturais em seu meio.

Dialogando acerca da metodologia desenvolvida por Dom Milani e Freire, Mota (2018), traz a análise acerca dos princípios pedagógicos da educação popular, adotados pelos mesmos, que indicavam a não complacência com o ensino tradicional, no qual se ignora o saber prévio experienciado pelos educandos, apontando como caminho uma pedagogia que privilegiasse o indivíduo como um todo, dando conta de suas particularidades e que, de fato, se constituísse como contraponto ao saber aprendido de forma autoritária e centrado na cultura hegemônica dominante, pautada em reforço negativo às desigualdades, sobretudo sociais.

Dussel (1977) traz a compreensão do mito da modernidade, que promove a invisibilização dos rostos de negros, índios e mestiços, como sujeitos passíveis de dominação; acrescentando-se, a estes, outros rostos, como os dos camponeses, dos marginais, que se configuram ainda na contemporaneidade, como exércitos de excluídos. Atitude de negação dos sujeitos populares, sob o discurso do progresso, que reafirma, por parte da elite civilizatória, a dizimação da cultura de um povo.

Laraia (2001) analisa acerca do homem como produto do meio em que vive, produzindo cultura juntamente com seus pares, sendo também herdeiro de um processo cumulativo de saberes que o antecedeu; esse movimento cotidiano permite-lhe novas e variadas invenções, o que o faz participante de uma ação em conjunto com toda a sociedade, na qual está inserido e de que se faz coprodutor.

O que é importante é o nascimento de uma nova maneira de conceber o homem e o mundo, bem como o fato desta concepção não mais ser reservada aos grandes intelectuais, mas tender a se tornar popular, de massa, com caráter concretamente mundial, modificando (ainda que através de combinações híbridas) o pensamento popular, a mumificada cultura popular. (GRAMSCI, 1995, p.127).

A necessidade de reconhecimento de seu estado de oprimido pelo povo, e apropriação de sua cultura enquanto elemento de valorização e transformação social, perpassa a compreensão do contexto de opressão e desigualdade em que vive, no intuito de que a coletividade se una em prol do bem comum (FREIRE, 1968).

2. Acervo da Laje, espaço de práxis política e educacional

O Acervo da Laje, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA, apresenta-se como um desses espaços de luta e resistência a partir de seu ideali-

zador, o professor José Eduardo Ferreira Santos. O intuito do Acervo também é o de fazer com que a comunidade se identifique com outras imagens do seu lugar, diferentes das imagens de pobreza e violência tão divulgadas pela mídia. Trata-se de um espaço artístico e cultural no Subúrbio Ferroviário, onde o professor José Eduardo e sua esposa, Vilma Santos, vêm acumulando elementos afetivos que contam a história da área, em construção coletiva com moradores e artistas locais.

Embora o contingente periférico seja comumente associado ao espaço do não ser, da não produção, do feio, do sujo e expurgado dos espaços de poder, em estudo anterior denominado Acervo da Laje: Memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, (SANTOS, 2014), salienta a falácia desse discurso hegemônico capitaneado pela grande mídia que diuturnamente insiste em atrelar o espaço suburbano periférico como território apenas de violências, pobreza, dores, sofrimentos e morte. A experiência obtida através da pesquisa de mestrado (MOREIRA, 2020), realizada no Acervo da Laje me permitiu ampliar o olhar a fim de identificar quais foram e onde se localizam as pessoas que inspiraram os fundadores do museu do subúrbio: Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos. A potência traduzida e apresentada por eles através da beleza, arte e educação tem raízes fincadas em seu próprio território originário. Daí a necessidade de identificação dessas fontes sapienciais localizadas no Subúrbio Ferroviário de Salvador, na figura especificadamente de mulheres simples, mas amorosas, solidárias e potentes.

O aspecto social do Acervo da Laje é uma reconstrução do mosaico simbólico da periferia de Salvador, ou seja, estamos restituindo aquilo que a própria cidade retirou dessa área e nunca lhe devolveu: a dignidade, a cultura, o acesso às obras de arte e a beleza, seja ela no território, nas pessoas e nas obras de arte (SANTOS, 2014, p.14).

A identificação do Acervo da Laje como espaço de apropriação de cultura popular e que constitui elemento para esta mesma conscientização, ratifica o ideal da educação popular como elemento de transformação social, inserindo-se e dialogando com questões pertinentes que envolvem a produção cultural e modos de vida locais do Subúrbio ferroviário de Salvador.

Santos (2013) apresenta o Subúrbio Ferroviário de Salvador como lugar de belezas, riquezas e histórias, que precisa sair das garras da invisibilidade apresentada ainda na atualidade, como estratégia de opressão e negação das produções e das pessoas desse lugar em que habitam.

Entende-se que a proposta de Educação Popular deve ser pautada a partir de uma reflexão ontológica de fundo sobre a condição humana, pressupondo um aprendizado a partir do seu chão social, pois a partir daí transcende/aparece o seu caldo de cultura, as suas apropriações são ressignificadas a partir de sua própria experiência concreta assentada em seu lugar de ser e estar no mundo (BOMFIM, 2015). Bebendo na fonte das ideias marxianas, nas quais Paulo Freire buscou inspiração em diversos momentos, para desenvolvimento de sua metodologia, compreende-se a importância da dimensão sócio-histórica, a partir da qual o ser humano é formado e diferenciado de outros animais, através das relações constituídas na sociabilidade com seus pares, como também no meio laboral.

Percebe-se a necessidade e urgência na implementação da Educação Popular, que se apresente de fato como libertadora, a partir dos incontáveis desafios experienciados pelos indivíduos, marcados principalmente pela perversão do capital, operando através da latente desigualdade que segmenta, invisibiliza e exclui, de forma que estes(as) possam encontrar sentido e ressonância em sua realidade cotidianamente vivida, de forma a promover a estimulação necessária para o rompimento com a opressão hegemônica estabelecida.

Arroyo (2007) argumenta, nesse sentido, acerca do direito que os indivíduos têm de conhecer o estado em que foram historicamente “colocados”, como meros “pacientes”, no sentido de estarem passivos diante de uma situação de negação de direitos humanos essenciais, e a necessidade do rompimento com esse *status quo*, através de um posicionamento crítico como agentes, que podem e devem unir-se a outros também excluídos, no sentido de coletivizar a luta em prol da defesa intransigente de direitos historicamente negados.

Chego a desconfiar que a invisibilidade seja uma forma de opressão e ao mesmo tempo uma negação da existência do lugar e das pessoas que nele habitam [...] Criou-se em torno da periferia um cinturão que a separa da “cidade” dita formal (SANTOS, 2014, p. 170).

Santos (2013) entende que a arte empodera a pessoa. A partir desse viés, traz à luz a realidade complexa e estigmatizada do Subúrbio Ferroviário de Salvador, marcado por vulnerabilidades sociais diversas e cercado por invisibilidades articuladas propositalmente, compreendendo ser a arte, produzida também por moradores da periferia, o ponto de partida para estimular e trazer nova ressignificação para a vida destas pessoas que, devido ao imenso fosso de desigualdades, não participam da arte enquanto mecanismo de fruição de vida e proteção, capaz de restaurar aspectos da vida que lhe foram negados.

Salvador-Bahia se apresenta como uma cidade de contrastes, reconhecida mundialmente por sua beleza, ao mesmo tempo em que oculta partes históricas e significativas, continuamente excluídas da história do Brasil, a exemplo do Subúrbio Ferroviário. Este, inclusive, foi um lugar de destaque e viveu seu apogeu em períodos passados, tendo sido importante área ambiental e polo da economia baiana. Este mesmo Subúrbio que, atualmente, é tido como um “não-lugar”⁴. A periferia e o subúrbio carregam estigmas pautados pela exclusão, pela invisibilidade ou simplesmente como reduto produtor e disseminador de pobreza e violências. Nas próprias palavras de Santos:

É como se na periferia e nas favelas o belo não pudesse existir. Diante dessa constatação fomos em busca dessa beleza que permanece invisível aos nossos olhos e que assim se encontra por que está disseminada e ao mesmo tempo escondida; não está na mídia nem nas galerias de arte, nas rádios ou nos teatros de Salvador. (SANTOS, 2013, p. 71).

Importante verificar a cultura popular como forma de expressão de cidadania, como memória de experiências educativas na e da comunidade, e refletir sobre essas experiências que valorizam um saber sonogado pela educação tradicional, que esconde a realidade da cultura nascida a partir do contexto popular. A cultura popular libertadora exige uma postura crítica, sistemática. Não pode haver “ganho”, a não ser colocando-a em prática no dia a dia da população. De tudo isso, percebemos que ensinar não é meramente transmitir conhecimentos, mas contar com uma diversidade de experiências e alternativas que transformem ambientes de circularidade cultural em lugares de variadas e significativas descobertas.

De Certeau (1994) considera que toda atividade humana pode ser considerada cultura, mas ela não é, necessária ou forçosamente, reconhecida como tal, pois, para que determinada ação ou construção objetiva seja de fato considerada cultura, não basta ao sujeito o papel de autoria, se faz necessário que estas mesmas práticas possuam significado para seus autores e/ou idealizadores. Isto

⁴ Não-lugar é um conceito apresentado pelo antropólogo francês Marc Augé. Em 1994, Augé apresenta, no seu livro “Não-lugares”, os conceitos de lugar e não-lugar. A estes conceitos associa-se não só um espaço físico como também uma forma de as pessoas aí se relacionarem. Para o autor, importa não tanto a dicotomia dessas definições, mas antes a existência de uma relação “entre a materialização do próprio espaço (o espaço construído) e as práticas sociais que aí se estabelecem (o espaço vivido).” (AUGÉ, 1994, p.186). E: “O não-lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo, o próprio espetáculo tomado nas palavras e nos estereótipos que o comentam em avanço na linguagem própria do folclore, do pitoresco ou da erudição.” (AUGÉ, 1994, p.186).

se traduz pela capacidade de se maravilhar e confiar na inteligência e na inventividade do mais fraco, em face de uma convicção ética “[...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...]” (DE CERTEAU, 1994).

Dussel (1977) analisa a cultura e modo de vida dos povos periféricos, argumentando que não se trata em hipótese alguma de um lugar menor, muito pelo contrário, este constitui um lócus menos contaminado de resistência e de potência, habitado por remanescentes de comunidade fortalecida pela adversidade e cheia de vontade política por parte de um povo oprimido; e é justamente esse distanciamento dos polos corrompidos do poder, que inaugura, a partir deste povo, o fortalecimento e a novidade.

Este é o cenário deste estudo sobre o Acervo da Laje, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Local de regiões antes habitadas por indígenas, antropofágicos, nômades, nus, local de abundância de víveres e de natureza profusa. O contexto do subúrbio, antigamente tido como local afastado da cidade, lugar de descanso, era destinado à classe abastada da sociedade; linhas de trem cortavam o subúrbio até a região do Recôncavo, local que possibilitou riqueza e economia fluente. Essa mesma história local bela e escondida, é possível ser compartilhada com seus moradores contemporâneos, de modo que possam aprender sobre sua história e orgulhar-se de suas raízes.

É necessário entender e vislumbrar a tradição não como algo antigo, ultrapassado e de menor valor; e sim como uma dimensão do ensino, apresentando-se nessa dinâmica de algo novo, consolidando e formando contornos culturais que não são cristalizados. A tentativa de diminuição da cultura produzida pelos de baixo, pelos periféricos, faz parte desse campo de luta, assim como questões ligadas à apropriação de culturas produzidas popularmente, como se à elite pertencessem.

Nesta vertente, faz-se necessário a abordagem acerca da modernidade, pensada por Berman (1986) como um conjunto de experiências da vida compartilhadas por homens e mulheres em todo o mundo na contemporaneidade. Essa aclamada modernidade apresenta-se como ambígua e encontra-se em um ambiente que promete alegria, aventura, poder, crescimento, transformação das coisas ao redor – ao mesmo tempo em que ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos.

Modernidade, também, capaz de anular fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia, e promover a desunião, separando e despejando todos em um turbilhão permanente de desintegração e mudança, luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ao longo de cinco séculos, a

modernidade desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias, que Berman (1986) pretende explorar e mapear a partir das contradições. Contradições estas, que estão continuamente sendo ressignificadas no contexto experiencial desenvolvido no Acervo da Laje.

Santos (2013) pontua ainda a importância da arte como fator de proteção e ressignificação da vida e do cotidiano das pessoas, no contexto em que, desvinculando-se de questões obrigatórias como a manutenção da vida diária, a arte proporciona, para além disso, libertação e fruição da vida, através da experiência da beleza e da criação.

Dessa maneira, a Educação Popular funde-se com a ideia de arte e libertação. Ela, a cada dia, se torna mais necessária, pela sua inserção em um pensamento que se postula crítico, que oportuniza reflexões, pondo-se, da mesma forma, como herdeira de uma tradição e promovendo transformação através da prática emancipadora.

A exemplo disto, as ações desenvolvidas no Acervo da Laje se constituem como elementos capazes de promover o fortalecimento de sujeitos que convivem diuturnamente com a segregação cultural imposta. Arroyo (2007) informa que o padrão construído historicamente de segregação e inferiorização tem como objetivo principal o estabelecimento da subalternização e da desumanização, pretendendo a destruição dos saberes, valores, memórias, culturas e identidades coletivas dos grupos subalternizados. Dessa maneira, fazemos a analogia com o lugar ocupado pelo também idealizador do Acervo da Laje, o professor José Eduardo Ferreira Santos. Como ele, enquanto sujeito constantemente posto em situação de subalternização, conseguiu superar essa memória de violências ao ponto de ser capaz de sair desse lugar imposto hegemonicamente? Como não se deixou representar como inferior e ir além, criando oportunidades para que também outros sujeitos se apoderem de seu lugar no mundo e se percebam autores (as) de suas próprias histórias?

[...] toda experiência social, até as mais brutais, de sofrimentos, de vitimização, de opressão produz conhecimentos, indagações radicais, leituras lúcidas de si e do mundo, leituras das relações de poder, de expropriação de suas terras, leituras dos extermínios de que foram e são vítimas. Experiências tão radicais que produzem saberes radicais. Produzem, como nos lembra Eric Hobsbawm, a tomada de consciência política, dessas populações submetidas, vivenciando essas experiências tão radicais (ARROYO, 2014 p.14).

A vida pautada por experiências tão profundas e radicais, fez do criador do Acervo da Laje, um resistente, lutador, sonhador, tomado por uma consciência política que o incita a guardar memórias de quem são e de quem foram, tanto a região do Subúrbio Ferroviário quanto seus ilustres, muitas vezes invisíveis, moradores. A materialização dessas memórias faz parte de um projeto ousado, revolucionário – quiçá, até o presente, único no mundo – com a configuração que apresenta: casa-escola-museu.

Como nos informa ainda Arroyo (2014), se as práticas utilizadas pelos detentores do poder hegemônico, no intuito de subalternizar, foram tão cruéis e sofisticadas, para a desconstrução desse violento intento, faz-se necessário uma resposta de desconstrução à altura, de maneira que possibilite a desestruturação desse pensamento inferiorizante e preconceituoso acerca das populações de origem periférica. A prática pedagógica desenvolvida no Acervo da Laje envolve atores de vários pontos da cidade, mais especificamente a comunidade do entorno, nas figuras principalmente de grupos escolares e da vizinhança que participam ativamente das oficinas e exposições promovidas.

Neste sentido, é possível identificar práticas de cunho criativo de uma pluralidade de agentes, que compreendem o gestar de saberes compartilhados a partir das experiências de vida de cada sujeito, abrindo-se um leque de temáticas e vivências que reverberam na educação, de fato, popular. Desse modo, pensar educação popular na atual conjuntura da sociedade brasileira, pressupõe juntar ideias que se situam como elemento de luta e transformação social.

Paulo Freire (2005), em *Pedagogia do Oprimido*, assim como em *Educação como Prática da Liberdade* (1987), não cria um sistema de métodos para “ensinar” trabalhadores ou oprimidos, mas, a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, contribui para que se reconheçam como agentes de suas histórias de vida e, portanto, detentores de um saber, cultura e conhecimentos que os possibilitem exercer a dialogicidade.

Não propõe como educá-los, mas como se educam, nem como ensinar-lhes, mas como aprendem, nem como socializá-los, mas como se socializam, como se afirmam e se formam como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, étnicos, políticos que são [...], estando atentos, a suas práticas de liberdade e recuperação da humanidade roubada (ARROYO, 2014, p. 27).

Essa prática de libertação se dá através de suas presenças em movimentos sociais e culturais. Não ocorre de forma passiva, portanto, mas sob o viés da luta.

Importante destacar o sentido da palavra luta, abordando a atividade social desenvolvida por Danilo Dolci, cuja militância se inicia no contexto do governo nazifacista, e que, com uma alma de artista, se propõe, veementemente, distanciar-se do referido regime. Por volta dos anos cinquenta, abandona os estudos e aproxima-se de um trabalho cristão voltado para os órfãos de guerra (SHACHTER, 2018).

O horror imposto pelo regime ditatorial e perverso o aproxima cada vez mais de pessoas com vulnerabilidades extremas, e isto o conduzirá a um verdadeiro laboratório comunitário que possibilitará o crescimento mais humanizado dessas pessoas. Dialogando com Shachter (2018), este nos põe a par do segredo das lutas nas quais Dolci e Milani⁵ se envolviam. Eram sim lutas, porém, não violentas, afligindo muitas vezes seu próprio corpo com sucessivas greves de fome, no intuito de posicionar-se a favor dos oprimidos, principalmente contra as máfias, e nas lutas enfrentadas por ele em manifestações e greves por direitos trabalhistas.

A partir dessas intervenções que, de forma direta, impulsionam e moldam cidadãos, que percebem e se situam, de fato, na luta política contra desmandos de setores hegemônicos da sociedade, nas décadas de 1970 e 1980, Danillo Dolci materializa uma das maiores contribuições no campo educativo, com a abertura de um local destinado ao acolhimento e orientações educacionais denominado Centro Educativo de Mirto (SHACHTER, 2018).

Este “Centro Educativo de Mirto” possui características transformadoras, por se tratar de um espaço construído à medida de uma criança, com o ideal libertador de uma didática ao ar livre, que propiciasse ao educando a oportunidade de vivência e aprendizagens com a natureza e a cultura material do lugar:

[...] Também se torna lugar de uma discussão dialética, e de crescimento pessoal, no qual ele dirige toda sua atividade e experiência comunitária fundamentada na estrutura da maiêutica, na comunicação recíproca e na participação ativa nas mudanças da sociedade (SHACHTER, 2018, p. 72).

⁵ Danilo Dolci foi um multifacetado educador-comunicador que contribuiu para o desenvolvimento social das classes menos favorecidas por meio de uma metodologia de educação para a paz, para o diálogo e de luta (não-violenta) pelos Direitos Humanos em época e lugares difíceis. Dom Lorenzo Milani, sacerdote católico, dedicou sua vida em defesa dos pobres e oprimidos. Em meio às montanhas da Toscana, deparou-se com baixos níveis de educação e dedicou-se à Escola Popular. Mais tarde, quando fora transferido novamente, criou a Escola Barbiana, uma escola-modelo de educação humanista, em que cada estudante era responsável pelo próprio aprendizado, sem ser inibido por questões como a avaliação do conhecimento. Para Milani a pedagogia significava o desenvolvimento do pessoal, fazendo crescer a determinação, independência e força de vontade.

É inegável a contribuição da educação popular, que se apresente, de fato, em uma perspectiva transformadora, e que se constitua como fator indissociável dos moldes de libertação necessários em diversos territórios e culturas existentes na sociedade contemporânea. “[...] A educação tem o potencial de mudar o mundo da vida, num sentido mais democrático e cidadão, porque pode promover um desenvolvimento de cultura compartilhada, enriquecida pelo amor e respeito aos outros” (MOTA, 2018, p. 28).

Neste sentido, Carlos Brandão (2006) expõe, de forma magistral, os três sentidos existentes no termo educação popular: 1) como via de reprodução e valorização do saber dito popular; 2) O saber formal escolar compartilhado (na medida em que a partir das vivências cotidianas oportuniza a alfabetização); 3) Como trabalho libertador através de práticas educativas: “A educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação” (BRANDÃO, 2006, p. 75).

Dessa maneira, percebe-se a grandiosidade de tão rica proposta, não se tratando jamais de aniquilação de um saber, em substituição a outro formal e curricular, mas de uma metodologia que dialogue com a diversidade de saberes existentes, de forma a despertar para a beleza existente no mundo da vida, e viabilizar a promoção da emancipação política. Importante salientar que a educação popular não se apresenta como uma variante da escolarização formal, mas sim como uma concepção que oportunize emancipação política, transformação, em suma, libertação.

3. Educar para a libertação a partir da periferia

Existem diversas maneiras e sentidos de se entender a natureza da educação popular; a especificidade consiste em seu carácter social e pedagógico. Essas características são passíveis de ser identificadas nas ações desenvolvidas no Acervo da Laje, através principalmente da tentativa de superar as barreiras impostas hegemonicamente, que cerceiam os processos de produção e fruição da vida e beleza no Subúrbio Ferroviário de Salvador

Spivak (2010) contribui em sua explanação acerca do subalterno e seu lugar de fala, advertindo quanto às artimanhas utilizadas pelos europeus sobre determinadas culturas orientais. Esclarece que a colonização e o silenciamento, que muitas vezes se abatem sobre determinados grupos, estão, na maioria das vezes, enrustidos em forma de boas práticas, mas constituem unicamente mãos com finalidade de expropriação de determinada cultura ou lugar.

Nesse sentido, convém verificar que, à medida que o lugar de intenso convívio do sujeito, a exemplo dos bairros de São João do Cabrito e Plataforma, se afasta do centro econômico da cidade, tende-se a criar um campo de significados menos “amarrados” ao restante da cidade. Isso não quer dizer que, de algum modo, a periferia deixa de estar subordinada ao centro econômico. Porém, o que se percebe é a inserção de novos valores construídos pelos próprios sujeitos na localidade, os quais criam signos e ressignificam sentidos negativos que compõem o status de periférico (LIMA, 2016).

A segregação socioespacial contribui para que os moradores da periferia tenham uma imagem negativa a seu respeito. Segundo Nascimento (2010, p. 94), “pessoas e locais passam a ser estigmatizados, pois morar na periferia significa estar fora do centro, adquirir o status da pobreza, da inacessibilidade, da precariedade”. Isso implica nas relações cotidianas e na reprodução de imaginários carregados de estereótipos que dificultam o desenvolvimento individual e local. Milton Santos (2003) compreende que o caráter de ser cidadão envolve um indivíduo completo, consciente de seus direitos e de sua potencialidade, a ponto de compreender sua situação no mundo e sentir-se impelido e capaz de afrontar o Estado quando este estiver falhando em cumprir com suas atribuições.

O Acervo da Laje está enraizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador como materialidade de um povo e de uma história que, com o passar do tempo, tem estado sujeita a variadas formas de apagamentos. Essa narrativa, que perpassa histórias de vidas e de um lugar não pode mais ser dissociada da história do Subúrbio; por outro lado, também é algo que alcança uma dimensão cultural e estética para além do território, e esta é a forma desse povo estar assim representado. O aspecto politizado deste povo, que aparece como potência insurgente na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, é anterior à experiência do Acervo. Dussel (2006) informa que a negatividade de necessidades, ou seja, a não satisfação de demandas que são coletivas, tenciona a formação de movimentos populares em prol do cumprimento de suas reivindicações.

O professor José Eduardo dispõe acerca dessa força de mobilização desde muito tempo atrás, embora, depois de certo tempo, tenha havido alguns retrocessos, devido a instituições envolvidas que não tinham por objetivo, de fato, a transformação da vida das pessoas que habitam ou habitavam aquele entorno.

Um dos sistemas que vigoram na região, refere-se à assistência de determinadas ONG’s localizadas em outros países, que investem dinheiro nas instituições para que seja propiciada qualidade de vida a jovens moradores, por exemplo. Mas, na maioria das vezes, o resultado não aparece, porque o puro assistencialismo cerceia, não empodera, não emancipa, não promove libertação,

criando cordeiros dependentes, subjugados, e não se observa na prática a transformação em suas vidas.

Ocorre o que Dussel (2006) conceitua como fetichização do poder, que consiste na absolutização da “Vontade-de-Poder” daqueles que desempenham cargos públicos, exercendo-os em benefício próprio e como dominação sobre a população representada, especialmente os mais vulneráveis: “A política é, neste caso, a arte do exercício do poder sobre antagonistas, aos quais, no melhor dos casos, hegemonicamente se submete à vontade das instituições fetichizadas, em favor de alguns membros particulares da comunidade [...]” (DUSSEL, 2006, p. 47).

Este é o problema do assistencialismo: não se opera a libertação das pessoas. Nos trabalhos desenvolvidos inicialmente pelo professor José Eduardo, havia a questão da educação formal, mas também a valorização da cultura do lugar, como passeios pelo Parque São Bartolomeu, bandas, Folia de Reis, passeios para conhecerem as histórias das igrejas, ou seja, a história do Subúrbio, sempre trabalhando com cultura, para se perceber que existe mesmo em meio às dificuldades, a beleza e, portanto, alternativas ao problema da violência, por exemplo. O contrário também se percebe na região, ou seja, existem jovens artistas, cineastas, que ganharam o mundo, saindo do Subúrbio Ferroviário de Salvador, diferentemente das notícias veiculadas, nas quais a região é reduzida a um não lugar, ou referencial apenas de violências e vulnerabilidades.

Por esta razão acontece o nascimento do trabalho do Acervo da Laje, na contramão do assistencialismo, como possibilidade de libertação. É um espaço de materialidade que traduz de maneira profícua aquilo de melhor que existe na região. Pois, falar da beleza do subúrbio, muitos o podem fazer; mas, ao se mostrar essa materialidade que provoca mudanças, principalmente para quem imaginava que a arte só existe no centro da cidade, quando o encontro acontece, abrem-se horizontes, leques de possibilidades, entendendo-se que os suburbanos são produtores de beleza. Quando acontece esse encontro, a criança, o jovem, a jovem, a mulher, o homem, não vão olhar o Subúrbio e sentir vergonha; vão entender e passarão adiante essa compreensão, de que não são os “coitadinhos”, os “pobres”, mas estão de fato, envolvidos no processo do libertar-se. E isso, de alguma forma, inviabiliza os interesses daqueles que vivem do assistencialismo, do “coitadismo”.

A construção da Casa 2⁶, no ano de 2015, teve como propósito justamente a materialização de um espaço projetado para a vivência e a documentação, favo-

⁶ Pensada e vivida como Casa-Museu e Escola a Casa 2 do Acervo da Laje, localizada na nova orla nos fundos da Rua Sá Oliveira, São João do Cabrito, Plataforma, originalmente era a residência da mãe de Vilma Santos.

recendo uma imersão constante e reflexiva que não se esvai com meras atividades pontuais. Santos (2018) contribui:

[...] de como a potência dos encontros faz acontecer as coisas, revirar épocas, trazer à tona histórias, riquezas, belezas e tudo isso em uma cidade em permanente estado de mutação, como é Salvador, onde a sanha da mudança faz o antigo e o novo estarem sempre em constante tensão. Essa arqueologia é também a nossa memória afetiva de como a arquitetura pode ser viva, e pode integrar à sua existência a vida da cidade a partir da vivência dos seus moradores. Essa arqueologia é uma dimensão da novidade do olhar para a cidade; olhar com surpresa e novidade o antes visto como corriqueiro. É olhar para o chão com o sentimento de surpresa e ver que para além da pobreza há muita história para ser contada, pois estamos falando do chão que fundou o Brasil e isso não pode ser invisibilizado por conta de fatores como a distância entre centro e periferia ou cidade e subúrbio, pois o Subúrbio Ferroviário de Salvador pertence à cidade, à História humana e isso precisa ser contado, pois se não contarmos a nossa história sempre terá alguém que o fará com as devidas omissões (SANTOS, 2018, p. 5).

Esse ponto crucial de libertação através da experiência obtida a partir do Acervo da Laje se relaciona a valores que incluem a materialidade da memória, na qual se guardam e se atualizam continuamente com as vivências que são elaboradas naquele espaço.

Espinheira (1998), em “História, Natureza e Cultura do Parque Metropolitano de Pirajá”, descreve potencialidades da região hoje rotulada como espaço não cultural. Detalha ainda que o Subúrbio Ferroviário era considerado, na década de 1970, como espaço nobre da cidade de Salvador, a qual possuía características de província, mas também de metrópole. O fato de ser uma

Posteriormente foi projetada pelo arquiteto Federico Calabrese e ampliada em 2015, contando nesta ocasião com térreo e dois andares, com três quartos (dois para visitas), sala ampla para exposições, cursos, aulas e oficinas, biblioteca, dois banheiros, duas cozinhas (uma residencial e outra, mais ampla, comunitária), duas escadas internas e duas varandas (sendo uma delas um solário) com privilegiada vista para a enseada do Cabrito, descortinando a paisagem em frente à ponte férrea São João. A Casa 2 do Acervo da Laje funciona como espaço museal, educacional e de residência porque une em si todas essas funções e realiza atividades que completam a função do Acervo da Laje. Por este motivo a Casa 2 atende às novas exigências de expansão das atividades do Acervo da Laje e suas atividades integradas ao itinerário realizado constantemente entre as duas casas, permitindo uma maior interação com o território, seus moradores e a necessidade de maior permanência das pessoas para dialogar sobre o trabalho realizado, além de ser um lugar de encontros, confraternização, reuniões, diálogos, oficinas e as mais diversas atividades relacionadas às artes, cultura, educação, memória e patrimônio.

localidade afastada e acessível apenas aos que detinham poder aquisitivo, e não acessível às categorias de classes economicamente menos favorecidas, conferia atmosfera bucólica à região e propiciava a restrição de seu acesso aos cidadãos da elite, que gozavam do sossego da Bahia de Todos os Santos e da natureza farta e exuberante, quase sem intervenções humanas.

Com o crescimento acelerado da cidade de Salvador e da região metropolitana, esse cenário se modifica. O Centro Industrial de Aratu e o Polo Petroquímico de Camaçari fundam uma era de intensa industrialização e favorecem a urbanização da pobreza. Dá-se, então, a estratégia de higienização das paisagens urbanas, ocorrendo a expulsão da pobreza das áreas do sul/norte da cidade para o interior geográfico, separando como um cinturão a região do Subúrbio Ferroviário das demais áreas da cidade.

Mesmo com todos os impasses historicamente criados pelo poder hegemônico, que visam o apagamento dessa história construída a partir do Subúrbio Ferroviário de Salvador, o Acervo da Laje segue incólume e destemido, com foco na utilização da educação popular, como quem anseia pela mudança a partir de ações desenvolvidas conjuntamente, em um esforço que é coletivo e com finalidade no bem comum.

A principal característica das atividades que se propõem a partir dos sujeitos que fazem acontecer esse fervilhar de vida e cultura é a valorização e o protagonismo de um povo. Povo suburbano, vilipendiado historicamente, mas que conserva em seu ser a latência da força traduzida pela resistência que aflora nas manifestações, as quais se fazem presentes, seja organizando, participando ou simplesmente desfrutando do acolhimento recebido no Acervo da Laje. A história de opressão a que foram submetidos fez nascer uma potência insurgente, povo que aparece como beleza e horizonte utópico transformador. Neste sentido, faz-se oportuna a conceituação da categoria “Povo” no sentido utilizado nesta dissertação:

Povo em sentido lato: povo-nação – comunidade que partilha tradições, língua, modos de ser e projetos em comum. Mas, sobretudo, povo em sentido estrito, como bloco social dos oprimidos/excluídos (GRAMSCI, 1995); comunidades que se constituem na luta por igualdade e justiça, como articulação dialógica dos coletivos insurgentes a partir da tradução recíproca de suas exigências e da “fusão” de seus horizontes utópicos (DUSSEL, 2004). Esse mesmo povo – uno no horizonte ético-utópico compartilhado –, que se manifesta em múltiplas faces – indígenas, negras, camponesas, operárias, de sem-teto, mulheres, população LGBTQ+ etc. –, com suas respectivas lutas, agruras e dificuldades. Esse povo múltiplo e uno ressurge com ainda maior

potência quando, apesar de sua condição marginal ou subalterna, se descobre voltado a um horizonte civilizatório utópico possível, a partir de uma educação de perspectiva libertadora.

Dessa forma, a Educação Popular “emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação”. Constituiu-se como um “trabalho simbólico e político de transformação da ordem social dominante” (BRANDÃO, 2006, p.42, 44). Acrescente-se ainda que os centros de cultura popular se apresentam na atualidade como os lugares mais importantes para disseminação desses movimentos que reverberam em mudança e novidade de vida, movimentos de educação de base ou de ação popular (BRANDÃO, 2006).

4. Considerações finais

A presente pesquisa realizada no Acervo da Laje, iniciada em 2018, a partir da experiência de construção da dissertação para o programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB), com o objetivo de identificar a importância do lócus enquanto espaço de emancipação política, na ótica dos moradores do entorno, possibilitou a constatação deste espaço se apresentar de fato como uma iniciativa fecunda, realizada a partir de um casal que hoje tem atingido uma dimensão gigantesca, que atrai olhares e especulações, mas no fundo é também semente de um vir a ser. Nesses tempos sombrios, temos urgência de alcançarmos outro tipo de sociabilidade e educação. A entrada e permanência no lócus durante o período estabelecido pela pesquisa possibilitou a constatação do Acervo da Laje se configurar, de fato, como um local com raízes ancestrais, cuidadosamente regadas pelos idealizadores/cuidadores do museu suburbano, que tem se perpetuado no tempo, oportunizando a continuidade de um processo de educação popular a despeito das tentativas de invisibilização do território e saberes locais.

A pesquisa em questão possibilitou o entendimento apurado do trabalho desenvolvido no Acervo da Laje, o qual atua como mola propulsora de uma práxis educativa libertadora, na medida em que, partindo de sua cultura e memória local, oportuniza a efetiva emancipação política, através das atividades educativas realizadas com a comunidade local, estabelecendo pontes com a academia, o que possibilita, de maneira complexa, o rompimento com o jugo da opressão, subalternidade e invisibilidade secularmente estabelecidos.

A região do Subúrbio Ferroviário de Salvador se constitui de fato como um polo de significados sócio-políticos. Essa característica é visível, pois os morado-

res do SFS, historicamente, têm uma atuação efetiva que, desde os primórdios, dialogava com os movimentos sociais, possibilitando o alcance de determinadas políticas sociais à população. Ocorre que a atuação expressiva dessas políticas esfriou, com a falta de compromisso ético político de algumas instituições que atuavam nesses espaços suburbanos, e, por um período de tempo, a comunidade se vê órfã desses mecanismos e instrumentos de proteção e empoderamento do sujeito enquanto cidadão. O surgimento do Acervo da Laje se estabelece, então, como ressignificação de espaços de construção política e educativa, na contramão da invisibilização e do estigma impostos, que insistem em se perpetuar na região.

Baseado no entendimento de que a cultura popular se configura como modo de vida e pensamento, estabelecendo vínculo profícuo com processos de libertação, entende-se o espaço do Acervo da Laje como possibilitador desse exercício autônomo e social da vida política, que direciona o cidadão para o “ser mais”. A hegemonia a que estamos sujeitos, não se enfrenta senão com a potência contra-hegemônica, de maneira a romper com os processos de invisibilização e alienação que segmenta, exclui e inferioriza contingentes populacionais periféricos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.22, n.40, p.95-103, jul./dez. 2013.
- ARROYO, M. G. **Indagações sobre currículo – educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da educação/Secretaria da Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov/seb/arquivos/pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- AUGÉ, Ma. **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade**. Lisboa: 90 graus, 1994.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.
- BOMFIM, L. S. V. A ontologia humana enquanto referência para uma educação popular emancipatória. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 205-213, jan./jun. 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

COSTA, M.; SILVEIRA, R.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/129321>. Acesso em: ago. 2016.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade (interpretação desde a filosofia da libertação). In: BETANCOURT, Raúl Fonet. **Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino americana**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Editora UNIMEPE, 1977. (Coleção Reflexão Latino-americana, v. 2, tomo III, Erótica e Pedagógica).

DUSSEL, H. **20 tesis de política**. México: Siglo XXI, 2006.

ESPINHEIRA, G. **O parque São Bartolomeu: esquecimento e memória**. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura**. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, P. **Manuscritos da pedagogia do oprimido**. Editora Instituto Paulo Freire – IPF. Santiago. 1968. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org80/xmlui/handle/7891/3629>. Acesso em: 20 maio 2017.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LARAIA, R B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, A. de S. **Periferias e subjetividades juvenis em Salvador/Bahia**. 2016. 108 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MÉSZARÓS, I. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOREIRA, A. P. **A morada da beleza: educação popular, estética e libertação a partir da experiência do Acervo da Laje**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, 2020.

MORIN, E. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. Tradução de Irene Reis dos Santos. São Paulo: Athena, 2016.

MOTA, S. **Dom Milani e Paulo Freire: experiência de educação cidadã e democrática**. In: BOSCOLO, Gianni. (org.). Encontro Sustentabilidade na diversidade – Insurgência educacional na atualidade/Dom Milani, Danilo Dolci, Paulo Freire. Salvador: Scanjet Gráfica e editora, 2018. p. 7-139.

NASCIMENTO, A. D. Construindo trincheiras em território minado: a educação no movimento sindical dos trabalhadores rurais sob o fogo cerrado da linha dura e do governo da distensão – o caso da Bahia nos idos dos anos de 1972 a 1990. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 19, n. 34, p. 23-37, jul./dez. 2010.

NASCIMENTO, A. D. **Organização de base: a reinvenção da participação da participação popular**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Salvador: FFCH – Universidade Federal da Bahia, 1985.

SCHACHTER, C. Apontamentos sobre Danilo Dolci. In: BOSCOLO, Gianni. (org.). **Encontro Sustentabilidade na diversidade** – Insurgência educacional na atualidade/ Dom Milani, Danilo Dolci, Paulo Freire. Salvador: Scanjet Gráfica e editora, 2018. p. 17-31

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, J. E. F. Education for beauty in acervo da Laje (the laje collection) and the emergency of creative work at the outskirts of Salvador, Brazil. In: HVIID, Pernille; MÄRTSIN, Mariann. **Culture in education and education e culture: tensioned dialogues and creativ e construccions**. Cidade: Ed Springer, 2018. p. 125-148

SANTOS, J. E. F. **Arqueologia do subúrbio ferroviário**: o mundo em uma casa. Conferência realizada no dia 14 de junho de 2018 no Auditório Mastaba da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, com participação de Federico Calabrese, Ana Carolina Bierrenbach e Glória Cecília Figueiredo, 2018.

SANTOS, J. E. F. **Acervo da laje**: memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. São Paulo: Scortecci, 2014.

SANTOS, J. E. F. **Nascente da beleza**: história, arte, religiosidade e música na cultura brasileira. São Paulo: Scortecci, 2013.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 17 de outubro de 2021.

Aprovado em: 07 de junho de 2022.